

A FENOMENOLOGIA INTERPRETATIVA COMO MÉTODO PARA A COMPREENSÃO DA EXISTÊNCIA DEPOIS DOS 80 ANOS

**Interpretative phenomenology as a method for understanding existence
after 80 years**

Gina Marques

Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Saúde de Santarém – Unidade
de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém, Universidade Católica
Portuguesa - Instituto de Ciências da Saúde. Portugal.

gina.marques@essaude.ipsantarem.pt

José Amendoeira

Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Saúde de Santarém – Unidade
de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém. Centro de Investigação
Interdisciplinar em Saúde-UCP. Portugal.

jose.amendoeira@essaude.ipsantarem.pt

RESUMO

No fenómeno do envelhecimento humano, o grupo das pessoas acima dos 80 anos, é aquele que mais cresce e menos estudadas estão, as suas experiências subjetivas. Aspeto também refletido nas taxonomias de diagnósticos de enfermagem. Objetivo: apresentar contributos da fenomenologia-hermenêutica para a compreensão dessas experiências ancoradas na teoria de enfermagem humanista. Método: Estudo qualitativo fenomenológico interpretativo; acesso aos participantes: método de bola de neve; realização de entrevistas fenomenológicas. Resultados: Pelo processo interpretativo hermenêutico emergiu o tema *Bem-estar Existencial*, que enquanto seres-no-mundo, significa: sentir-se realizado por algum aspeto na vida; por poder fazer; ir tendo saúde; ter fé em Deus e enquanto seres-com os outros, significa: ter harmonia familiar; sentir estima pela sua existência; viver sob a égide de valores humanos; apego ao lar; corpo mediador de experiências existenciais. Conclusões: A Fenomenologia-hermenêutica contribui para o conhecimento em enfermagem para aceder às necessidades existenciais das pessoas com mais de 80 anos.

Palavras-chave: Bem-estar existencial, Enfermagem humanista, Fenomenologia hermenêutica, Pessoa com mais de oitenta anos.

ABSTRACT

In the phenomenon of human aging, the group of people over 80 years old is the one that grows the most. Their subjective experiences are the least studied. Aspect also reflected in nursing diagnoses taxonomies. Objective: Present the contributions from Hermeneutic Phenomenology to understand these experiences. Theoretical anchoring: humanistic nursing theory. Method: Qualitative phenomenological interpretive study; access to participants: snowball method; phenomenological interviews. Results: Through the hermeneutic interpretative process emerged the theme Existential Well-being, describing that being in the world means: feeling fulfilled by some aspect in life; for being able to do; being healthy; having faith in God; while being with others, means: having family harmony; feeling esteem for its existence; live under the aegis of human values; attachment to their homes; mediating body of existential experiences. Conclusions: Hermeneutic Phenomenology contributes to nursing knowledge to access the existential needs of people over 80 years of age.

Keywords: Existential well-being, Humanistic nursing, Hermeneutical phenomenology, Person over eighty years old.

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento das populações no mundo é um dos fenómenos com maior relevância das últimas décadas a nível social e de saúde, sendo por isso um aspeto de interesse para a enfermagem. No contexto do envelhecimento é o grupo das pessoas acima dos oitenta anos, aquele que apresenta maior crescimento (INE, 2018), prevendo-se que o número de pessoas com 80 anos ou mais, deverá triplicar até 2050 passando de 137 milhões, em 2017, para 425 milhões em 2050 (Nações Unidas, n.d), data que se prevê que em Portugal 14% da população terá mais de 80 anos (INE, 2018). Mas, atualmente em alguns concelhos portugueses essa percentagem já se situa acima dos 10%, casos de Idanha-a-Nova em que 11,5% da população tem mais de 80 anos, em Alcoutim 11,1% e Penamacor 10,7%, e nestes três concelhos, 1 em cada 10 habitantes, tem mais de 84 anos (Pordata, 2019).

O acentuado aumento de pessoas com mais de oitenta anos, é um indicador muito positivo de progresso científico e de desenvolvimento social (Cabral et al., 2013; OMS, 2015), e um êxito da humanidade que expressa o potencial humano para alcançar a longevidade, propósito muito almejado por cada ser humano.

Simultaneamente a este êxito, assiste-se nas atuais sociedades, a indícios significativos de ostracização e perda de valores face às pessoas mais velhas, apenas com base na sua idade (WHO, 2002; OMS, 2015).

Portugal é um dos países da Europa com maior esperança de vida à nascença, mas um dos últimos em termos de esperança de vida saudável, bem-estar social e económico, após a idade da reforma (Eurostat, 2017), o que compromete a expectativa de bem-estar e qualidade de vida em idades mais avançadas como acontece depois dos oitenta anos (WHO, 2002; OMS, 2015).

Atualmente o envelhecimento representa um fenómeno bastante complexo, caracterizado e refletido pela vivência de experiências heterogêneas e subjetivas, dado que não ocorre da mesma forma para todos, cada pessoa é entendida como um ser único, que é afetado ao longo da vida por determinantes físicos, psicológicos, culturais e económicos que irão influenciar a qualidade da sua velhice (OMS, 2015).

Acerca do conhecimento científico desenvolvido sobre o grupo etário das pessoas acima dos oitenta anos a OMS (2015), refere que este se tem focado sobretudo sob o ponto de vista estatístico e menos sobre os aspetos subjetivos das vivências e experiências pessoais, focando mais os aspetos negativos, quer a nível físico quer a nível psicológico, e associado sobretudo a sentimentos negativos geradores de sofrimento, o que de alguma forma tende a influenciar desinstituir estima e valor pelas pessoas mais velhas em função da idade biológica.

No que se refere ao conhecimento de enfermagem a temática relativa às pessoas idosas é uma área de investigação ainda deficitária (Marques, 2017; Taborda & Vieira, 2011), a produção

científica sobre as mesmas realizada em Portugal, representa uma percentagem muito pequena e a ênfase desses estudos é colocada sobretudo nos aspetos físicos e materiais, encontrando-se menos estudado as questões relativas à dimensão existencial. A nível internacional e por referência ao Brasil, Menezes & Lopes (2009) e Lima & Menezes (2011), a opinião destes vai no mesmo sentido da identificação de escassez de estudos de enfermagem sobre as pessoas com idade superior a 80 anos.

Também nas taxonomias de diagnósticos de enfermagem, os aspetos menos desenvolvidos e em falta, são os que expressam as experiências dos clientes, relativos aos processos de lidar com a doença ou com a promoção da sua saúde (Paans, Sermeus & Nieweg, 2010) e igualmente em falta estão estudos que se concentrem particularmente nas pessoas mais velhas (Nilsson, Sarvimäki & Ekman, 2003; Lima & Menezes, 2011).

Constata-se que o conhecimento de enfermagem sobre as pessoas com mais de oitenta anos ainda carece de desenvolvimento, sobretudo acerca das suas experiências subjetivas, aspeto considerado essencial sob a perspetiva da enfermagem humanista, dado que é pela compreensão dos significados das experiências subjetivas dos clientes que melhor se podem identificar e atender às suas necessidades específicas de cuidados de enfermagem sejam individuais ou de grupo.

Pela experiência pessoal da observação e vivência da realidade dos cuidados de enfermagem / saúde, resultou a perceção de que existe um estado de sentimento de abandono experimentado por algumas pessoas nem sempre conjugado à ausência física de alguém, mas que pode resultar de um estado subjetivo desconhecido por nós e não descrito no conhecimento de enfermagem, mas revelador de sofrimento ou vazio emocional/existencial. O constructo *sentir-se abandonado - pessoa com mais de oitenta anos*, constituiu-se no fenómeno central a estudar no conhecimento de enfermagem.

A revisão da literatura efetuada em torno do termo *sentir-se abandonado* para as pessoas com mais de oitenta anos, revelou tratar-se de um fenómeno ainda não definido no conhecimento de enfermagem. Na mesma revisão, a temática do abandono surgiu nas experiências de cuidados de saúde abordado a partir da consideração de presença, ausência, omissão, negligência de ações implicitamente previstas ou algum tipo de contrato quebrado (legal, social, profissional, etc.) e surgiu também aludido a partir de uma dimensão não física, enquanto experiência / vivência que causa sofrimento subjetivo, e entendido pelos familiares de clientes de cuidados em lares como uma dimensão de negligência da dignidade humana.

Entende-se que a compreensão do significado *sentir-se abandonado* para as pessoas com mais de oitenta anos, pode ajudar a enfermagem a compreender as suas necessidades e as suas perspetivas, dado que a ação dos enfermeiros se baseia em significados, e a existência de significados comuns entre enfermeiros e clientes fornece uma base mais efetiva para relações terapêuticas entre estes (Cohen, 2000).

O referencial teórico selecionado para o estudo do mesmo fenómeno e guia orientador do propósito do cuidado de enfermagem humanista, visa o bem-estar do cliente com mais Ser, e que se perspetivem as experiências humanas ocorridas na enfermagem, como experiências existenciais (Paterson & Zderad, 2008), o que requer a consciencialização das orientações filosóficas subjacentes (Rosa et al., 2010).

O interesse pelo significado do fenómeno *sentir-se abandonado* enuncia desvelamento, a verdade não é uma «construção», uma representação, mas a apresentação das coisas, é «fazer ver a partir de si mesmo o que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo» esta expressão significa o «retorno às coisas» (Pasqua, 1997, p.29).

A palavra fenómeno de origem grega significa o que se mostra à luz do dia (Pasqua, 1997, p.26). Nas palavras de Heidegger (2009 citado por Pasqua, 1997, p.27), fenómeno é aquilo no qual alguma coisa se pode tornar manifesta, «o-que-se-mostra-em-si-mesmo», o manifesto visível em si mesmo, por consequência os fenómenos são o conjunto do que é evidente ou pode ser trazido à luz do dia.

2 MATERIAIS E MÉTODO

Para estudar as questões existenciais das pessoas com mais de oitenta anos, clientes de cuidados de enfermagem as metodologias qualitativas de investigação são apropriadas, porque se inspiram nos pressupostos do paradigma construtivista (Guba & Lincoln 1994) que, no plano ontológico, assume que a realidade não existe fora da consciência da pessoa, tratando-se ela mesma de uma construção social impregnada de significado. No plano epistemológico, considera que o conhecimento é construído intersubjetivamente através de uma interação estreita entre a pessoa cognoscente e o objeto. No plano metodológico, a interpretação da realidade passa pela consideração e captação dos significados atribuídos pelos atores sociais aos diferentes aspetos do seu quotidiano (Smith, 2011).

As metodologias qualitativas enfocam o significado e, embora usem métodos semelhantes, têm bases epistemológicas e ontológicas diferentes, em que cada abordagem oferece uma lente diferente para explorar, interpretar ou explicar fenómenos dos contextos do mundo real. Para o estudo do fenómeno *sentir-se abandonado* realizou-se um estudo qualitativo com orientação fenomenológica, por ser um método dirigido aos significados dos fenómenos humanos, para as percepções que as pessoas têm daquilo que vivenciam (Thorne, 1991).

E de entre as diferentes perspetivas da fenomenologia, o método de pesquisa da fenomenologia interpretativa derivada da filosofia de Heidegger, cujo objetivo é compreender o significado das experiências humanas, trata-se de uma abordagem muito válida para o conhecimento de enfermagem por possibilitar o estudo das experiências vividas pelos clientes, nomeadamente as pessoas com mais de oitenta anos (Munhall, 2012).

Esta perspetiva fenomenológica preocupa-se com o estudo detalhado da experiência pessoal vivida, o significado da experiência para as pessoas e como as pessoas dão sentido a essa experiência (Smith, 2011) caracterizando-se por: Ser ontológica na orientação, questionando experiências e compreensão; O que significa ser pessoa num contexto, e as suas necessidades; O contexto histórico está implícito para entender o fenómeno que está a ser explorado; A interação entre a situação e o indivíduo que procuramos identificar e interpretar é subentendida; A cultura, práticas e linguagem podem ser partilhadas; O significado é influenciado pelos sistemas de crença do investigador; A interpretação explica o que já é conhecido; O círculo hermenêutico é usado para desenvolver uma compreensão de uma experiência (Rodriguez & Smith, 2018).

Acedeu-se aos informantes pelo método de bola de neve (Dewes, 2013), contactando diretamente pessoas com mais de oitenta anos na comunidade, usando as suas ligações as outras pessoas da mesma idade, as quais ajudaram a identificar e a contactar; também se contactaram os filhos de pessoas com mais de oitenta anos, tendo sido estes os elos de ligação aos participantes; e ainda através de um mediador que realizando voluntariado junto de pessoas que reuniam as características de inclusão no estudo, colaborou na identificação e no contacto com as mesmas (Faugier & Sargeant, 1997).

Participaram no estudo, 23 mulheres e 5 homens, pessoas solteiras, casadas e viúvas com idades compreendidas entre os 80 e os 97 anos, com capacidade para ouvir, falar, compreender e com experiência de já terem recorrido a cuidados de enfermagem.

Pelos depoimentos foi compreensível perceber que os participantes possuíam condições económicas diversificadas, desde mais precárias vivendo de apoio social e solidário, a outros cujas condições económicas não surgiu como aspeto preocupante. O nível de escolaridade dos participantes também foi heterogéneo, alguns dos participantes nunca frequentaram a escola, sobretudo as mulheres, como era comum em Portugal nas primeiras décadas do século XX, mas a maioria possuía instrução primária, embora em alguns casos incompleta, duas participantes possuíam licenciatura.

O número de participantes foi ditado pelo surgimento da repetição de informações de diferentes participantes de diferentes lugares, e se considerou possuir redundância de informações, que possibilitou refinamento e consistência ao padrão de temas e subtemas emergentes, ainda assim não acrescentavam novo entendimento aos mesmos (Bowen, 2008).

Os encontros para a realização das entrevistas assumiram com os participantes na grande maioria, um caráter de “uma conversa íntima” com compartilhamento livre pelos participantes das suas experiências vividas (Finch, 1993, p. 169). Procurou-se estabelecer um entendimento de igualdade e respeito pelo ponto de vista do participante e desenvolver individualmente, um relacionamento empático. Bem como o “estabelecimento de uma relação recíproca” que é particularmente importante no contexto de entrevistas em profundidade, dado que permitiu que a conversa se concentrasse nas questões consideradas mais pertinentes pelos participantes, a partir da sua subjetividade (Warren, 2002). Assemelhando-se a entrevistas interativas (Morse, 1991), ativas (Holstein & Gubrium, 1995), a informação trocada com os participantes e investigadora ocorreu em ambas as direções, em formato relativamente desestruturado, dando-se ênfase em ouvir o que o participante dizia, evitando orientar e controlar a conversa (Khan, 2000, p. 58).

As entrevistas ou conversas começaram com perguntas muito gerais, usando-se um guião de entrevista (protocolo) de entrevista semiestruturada, conduzidas individualmente e de modo privado, em algumas situações as conversas progrediram para questões mais sensíveis e privadas, pela iniciativa do participante (Warren, 2002). Durante as entrevistas foi garantido que os participantes falassem apenas do que estavam dispostos a partilhar, não estimulando ou explorando aspetos que de algum modo se mostrassem confrangedores para os próprios.

Outro dos aspetos de interesse nestas conversas foi a forma dos participantes se expressarem na sua própria linguagem e segundo a sua tradição (Cohen, 2000) porque se procurava compreender a forma como as pessoas com mais de oitenta anos interpretam o seu mundo. Pois importava considerar o fenómeno de interesse, mas incluir igualmente os lugares das experiências, dos eventos das experiências no tempo e as formas de falar sobre essas experiências (Steeves, 2000).

Igualmente relevante do discurso é a possibilidade de atingir o sentido existencial das experiências relatadas pelos participantes, considerado na análise e interpretação dos dados, para tal, e como afirma Heidegger (2009, citado por Pasqua, 1997) o discurso é «a articulação significativa da compreensão do ser-no-mundo no seu sentimento de situação», articulando a comunicação e a manifestação da vida vivida, ou estruturação desta, o ser do homem articula-se igualmente no discurso pronunciado, no conjunto dizível das «coisas verbais»(p.86).

A linguagem exprime a abertura, ou revelação do ente, cujo ser está lançado no mundo, a comunicação expressa a relação ontológica que une o discurso, o compreender e a existência (Pasqua, 1997).

O que tentamos fazer, é evocar o conhecimento através da linguagem que, de maneira curiosa, parece não ser cognitivo, tal é importante porque muitas profissões, como a enfermagem, exigem não apenas técnicas e conhecimento especializado, que podem ser ensinadas, mas também habilidades discretas, intuitivas e tácitas, e aparentemente é nessa direção que se encontram as contribuições relevantes e contínuas da fenomenologia hermenêutica para a epistemologia da prática profissional (Van Manen, 2003).

As entrevistas foram realizadas nos locais de preferência dos participantes, tendo todos optado pela sua residência, e nos espaços sugeridos pelos próprios, maioritariamente no interior da sua casa normalmente na sala, mas também ocorreram algumas no exterior como no quintal.

Todas as premissas éticas foram cumpridas, nomeadamente a aprovação por Comissão de Ética competente em 2017. Todas as entrevistas foram gravadas em formato digital, após obtido o consentimento livre e esclarecido de cada participante, o tempo médio das entrevistas variou entre os 35 minutos e 2 horas e 15 minutos. As entrevistas foram transcritas na íntegra para garantir a originalidade das ideias. A cada entrevista foi atribuído um código E (entrevista) e n (número relacionado com a ordem de realização da entrevista), tendo em vista o anonimato.

Para estudar e compreender as experiências subjetivas das pessoas com mais de oitenta anos para além da perspetiva paradigmática de enfermagem, recorreu-se igualmente a alguns pensamentos da Analítica Existencial de Martin Heidegger (2009), porque visa a especificidade de pensar a existência indo além da existência (Werle, 2003). Heidegger (2009) propôs-se analisar como o ser humano vivencia as suas experiências fazendo uma reflexão sobre a existência humana através da

interrogação sobre o sentido do ser, questionando o próprio modo de ser e de habitar o mundo, de conduzir a própria vida, com intuito primordial de compreender o sentido da existência humana.

Heidegger (2009) estabelece uma distinção fundamental, a chamada diferença ontológica entre a existência e a essência, entre o ser e o ente, entre a possibilidade e a efetividade de tudo o que chamamos de “real” e é essa diferença, compreendida numa tensão hermenêutica articulada à facticidade da existência humana na sua realidade concreta (Cerezer, Flores & Zanardi, 2012).

Dasein, é o termo nuclear a partir de qual Heidegger (2009) discute/trabalha a sua perspectiva de Ser, não tem tradução para a língua portuguesa, mas pela decomposição da palavra é possível atender ao seu significado, “*Da*” significa “*ai*”, e “*sein*” significa ser, ou seja, “*ser-ai*”, ser enquanto lançado no mundo. O homem é um ser colocado/lançado no mundo, não pensado em termos do humano, mas nas possibilidades do poder ser dessa pessoa, todos somos, o *Dasein* faz parte de uma construção ontológica do questionamento dessas possibilidades, cada ente comporta e habita um ser, entes com possibilidades servem para denominar o modo de ser do homem, a questão do ser faz parte do que ele é, mas cabe ao ente responder pelo seu ser (Pasqua, 1997, p.18).

O *Dasein* e o mundo são as duas faces de uma mesma realidade: o ser-no-mundo (Pasqua, 1997, p.53) significa “nós mesmos” (Araujo, 2006).

Esta “intimidade” com o Ser é condição para a sua compreensão, mas também é algo que o encobre; estamos tão próximos do ser e tão mergulhados no mundo que “esquecemos” do modo fundamental como o ser se revela e é compreendido por cada um (Cerezer, Flores & Zanardi, 2012).

O Ser aparece ao homem não como uma noção teórica dada à contemplação, mas como uma tensão interna ou inquietação que atravessa a sua existência prática (Lévinas, 1998, pp.77-79).

A diferença entre Ser e Ente, é que enquanto, o *Dasein* (Ser-ai, Presença), é um ser-no-mundo, cuja sua essência é sua existência, o Ente é compreendido pelo fato de ser-do-mundo, havendo a distinção entre a existência, sendo o modo dinâmico do ser humano, e a sua disponibilidade, que é a sua presença pura e simples das coisas inertes (Cerezer, 2010, p.3).

O método fenomenológico hermenêutico permite aceder ao ser das pessoas com mais de oitenta anos a partir dos seus comportamentos, mantendo simultaneamente a distinção entre o seu ser e o humano concreto (Pasqua, 1997). E cada pessoa com mais de oitenta anos, pode individualmente esclarecer as suas perspectivas, experiências e necessidades, de quais apenas elas podem revelar os significados que constroem e o sentido que fazem do que experimentam (Cohen, 2000).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O interesse da análise fenomenológica hermenêutica não está na estrutura do fenómeno, mas em como o fenómeno é interpretado, a interpretação é o objeto do estudo, significa em termos práticos que se pretende compreender como as pessoas com mais de oitenta anos interpretam as suas vidas e fazem sentido do que experimentam. Este artigo constitui-se não na partilha dos resultados definitivos, mas numa oportunidade para partilhar uma dimensão do estudo fenomenológico do fenómeno *sentir-se abandonado*.

Para o processo interpretativo dos dados seguiu-se o modelo de análise fenomenológica hermenêutica proposta por Cohen, Kahn & Steeves (2000), percorreram-se as etapas do mesmo, procurando-se chegar à obtenção de uma descrição consistente para o significado de *sentir-se abandonado*. Uma descrição consistente é aquela que capta a experiência na perspectiva dos participantes, na sua complexidade mais completa e mais rica (Denzin, 1989; Geertz, 1973) e se os achados despertarem nos leitores a própria experiência vivida então a análise pode ser considerada significativa (Manen, 1997).

No sentido da análise hermenêutica teve-se presente que o que primeiramente se apreende, o que se mostra diretamente, tende a ser significância ótica, e as revelações ontológicas ou de sentido ontológico, o que tende a estar mais encoberto, por trás das aparências. O tipo de comunicação não verbal usada pelos participantes nos seus depoimentos foi importante, no sentido de que se teve em mente para considerarmos como determinada experiência lhes era mais marcante, significativa.

Quando nas entrevistas a pessoa acompanhava o seu discurso por contração ou por relaxamento de todo o corpo ou de algum segmento de modo mais particular, quando repetia os acontecimentos, também o sentido do gesto de tocar no peito (sobre o coração) com a(s) mão(s) abertas, denotava que essa passagem era significativa e marcante para o seu “eu” e que, revelava a possibilidade de experiência de expressão ontológica ao seu ser. Esta reflexão ajudou a considerar / ajuizar, mas não julgar sobre as “experiências existenciais” do ponto de vista de quem a viveu, e não de quem observava.

A análise dos dados teve início verdadeiramente durante a realização das entrevistas, quando ao ouvir se reflete ativamente sobre o significado do que está a ser dito pelo participante (Cohen, Khan & Steeves, 2000).

Realizar as entrevistas no ambiente natural dos participantes, permitiu compreender que a qualidade dos sentimentos, auferidos em relação com os espaços se relacionava com o seu estado de bem-estar ou mal-estar.

No caso de uma participante que vivia numa casa do tipo vivenda (onde ocorreu a entrevista), com espaços interiores e exteriores bastante amplos, durante toda a entrevista se pronunciou em relação aos mesmos, como um lugar onde se sentia oprimida, relatando “asfixia-me, falta-me o ar”, sentia-se “presa” nos mesmos. Percebendo-se no contexto da entrevista, que aqueles espaços, antes foram habitados, partilhados com o marido (falecido há cerca de vinte e cinco anos) e com filhos agora casados e a viver nas suas próprias casas, sentia-se agora em sofrimento naquela casa por se sentir só.

Em contraste outros participantes, referiram que após se reformarem desenvolveram com o seu espaço casa / quintal / jardim o local de eleição onde se sentem bem, e gostam de passar o seu tempo, também no contexto mais global das entrevistas foi possível compreender que esse local lhes permitia desenvolver alguma atividade e o sentido de gostar / poder / querer ter uma atividade depois dos oitenta anos, é sentido como continuidade da uma vivência existencial.

Lida a transcrição de cada entrevista várias vezes para desenvolver uma compreensão do seu texto, para chegar às unidades de significados, de forma a haver uma familiarização com os textos e por este processo identificaram-se termos, palavras, frases ou explicações consideradas como sentidos que estruturam os pensamentos e as experiências que os participantes procuravam transmitir.

Numa primeira etapa não foi feita qualquer interpretação, tentando procurar a totalidade do discurso, durante as repetidas leituras subsequentes foram sublinhados e destacadas, frases ou segmentos de texto que se consideraram significativos para a compreensão do fenómeno pesquisado. A cada unidade de significado, nomes de temas e subtemas provisórios foram adicionados às margens de cada transcrição de entrevista com aspetos conceptuais provisórios colocados em caixas de texto, com os números de linha correspondentes das declarações significativas de cada participante, e os excertos foram identificados com nomes provisórios, mas similares, que foram sendo atribuídos em cada entrevista (Cohen, Khan & Steeves, 2000).

Seguiu-se a transformação ou redução de dados, este passo envolveu alguma subjetividade e decisão acerca do que era relevante para o estudo do fenómeno *sentir-se abandonado* (Cohen, Khan & Steeves, 2000) nesta fase, foram também eliminadas algumas das muletas linguísticas e tiques verbais presentes no *verbatim* dos participantes.

Tendo em conta os nomes dos temas provisórios atribuídos reagruparam-se e reorganizaram-se as unidades de significado de acordo com conteúdos temáticos agregadores que emergiram das sucessivas releituras. O objetivo desta fase foi o de reagrupar as unidades de significado por temas, sem seguir regras ou critérios preestabelecidos.

Esta fase envolveu a procura de padrões entre os relatos que constituíam a descrição do que elas expressavam e o que as diferenciava entre si, averiguando as conexões, o que possibilitou a identificação de temas mais evidentes. Durante este processo houve cabimento / necessidade de redefinição de alguns temas. Os temas foram nomeados e vinculados ao texto de origem por referências a citações específicas e por meio do número da entrevista e linhas respetivas, (Manen, 2003; Cohen, Khan & Steeves, 2000).

Tratou-se de um processo de mediação, à linguagem do participante, à presença na situação da entrevista e fazer pontes ao vivido descrito, ao vivido sentido e observado com o terceiro olho tendo como mediadores os referenciais teóricos, e a assunção de temas (Cohen, Khan & Steeves, 2000) que se ilustra no exemplo do quadro apresentado (Quadro 1).

Quadro 1 - Exemplo do movimento da análise interpretativa dos dados, da declaração significativa do participante ao tema essencial emergente.

Declarações significativas na linguagem do participante - unidade de significado	Elemento	Subtema	Tema essencial
“(…) movimentar-me (…) sair de manhã e dar a minha volta, e depois ter aí umas coisas no quintal (…) ter qualquer coisa para fazer na cidade (…) ter uma atividade (…) eu todas as manhãs vou lá (…) já não estou dentro do assunto de computadores e dessas coisas, mas aquela prática antiga (…) ainda estou ali ao balcão a dar a minha opinião sobre tintas (…) E22, L152-159.	Poder fazer, é poder Ser	Um modo existencial de Ser-no-mundo depois dos oitenta anos.	Bem-estar existencial para a pessoa depois dos oitenta anos

Nas etapas de interpretação do modelo seguido, teve-se subjacente uma orientação ontológica para análise das experiências dos participantes, tendo em vista a compreensão do significado de *sentir-se abandonado*, não encontrado de forma explícita ou direta nas experiências relatadas, mas antes encoberto nas mesmas, usando-se para tal um processo dialético e interpretativo entre os relatos e os sentidos expressos nos relatos das mesmas.

Constitui-se uma matriz de análise organizadora e demonstrativa desse processo, agrupando os temas, subtemas e elementos emergentes na compreensão do fenómeno em estudo, ilustrando-se uma fração (Quadro 2) dessa mesma matriz, com o tema Bem-estar existencial para a pessoa com mais de oitenta anos.

Quadro 2 - Matriz de análise do tema Bem-estar existencial para a pessoa com mais de oitenta anos

Elemento	Subtema	Tema
Sentir-se realizado por algum aspeto na vida	Um modo existencial de ser-no-mundo depois dos oitenta anos.	Bem-estar existencial para a pessoa com mais de oitenta anos
Poder fazer, é poder Ser		
Tendo saúde		
Ter fé em Deus		
Harmonia familiar	Um modo existencial de Ser-com os outros no mundo depois dos oitenta anos	
Sentindo estima pela sua existência		
Viver sob a égide de valores humanos		
Apego ao lar		
O corpo como mediador de experiências existenciais		

A concepção de Enfermagem Humanista (Paterson & Zderad, 2008), comporta uma estrutura de possibilidade de bem-estar com mais Ser, que alude perspetivar as vivências e experiências das pessoas com mais de oitenta anos, numa dimensão ôntico-existencial, (Estrutura ontológica do existir humano, remete para uma compreensão de que toda a estrutura ôntica prevê uma dimensão ontológica, com a qual nos relacionamos permanentemente e à qual é possível aceder por diferentes possibilidades), mas Heidegger (2009) previu a estrutura ontológica como a própria existência no sentido do desvelamento do Ser da pessoa / ser humano - no sentido de aproximação ao que lhes é essencial, o que lhes cria sintonia e abre possibilidades ao desvelamento do seu Ser.

Na estrutura de Enfermagem o ser humano-pessoa com mais de oitenta anos é compreendida enquanto ser social e agente intencional de comportamentos baseados nos valores, nas crenças e nos desejos da natureza individual, o que torna cada pessoa com mais de oitenta anos num ser único, com dignidade própria e direito a autodeterminar-se na procura de melhores níveis de saúde, desenvolvendo processos intencionais baseados nos valores, crenças e desejos da sua natureza individual a pessoa é compreendida como ser uno e indivisível (OE, 2001).

Para se alcançar uma compreensão de Ser, perspetivaram-se as pessoas com mais de oitenta anos na sua existência enquanto *Dasein* (Heidegger, 2009) estabelecendo a possibilidade de diferença ontológica entre a sua existência e a sua essência, possibilitado pela análise do ser e do ente (pessoa em comportamento), ou seja, a sua experiência concreta de viver, porque ao interrogar o *Dasein* sobre a sua vida quotidiana, o ser é aquilo que o ente se deve recordar (Pasqua, 1997, p.30).

Assentes na fundamentação de que os participantes, pela consciência de si próprios e do seu autoconhecimento, e norteadas no sentido da valorização e da auto-afirmação do seu “Ser” ao referiram-se às experiências significativas da sua existência (Paterson & Zderad, 2008), elas estão impregnadas e expressam o seu sentido de Ser, como as coisas se tornam presentes, manifestas, percebidas e conhecidas (Heidegger, 2009).

Os participantes relataram situações baseadas em experiências e vivências significativas, por as considerarem agradáveis ou positivas, e tal com afirma Damásio (2017), os sentimentos agradáveis alinham-se com gamas positivas, homeostasia eficaz ou mesmo ótima, e exprimem-se com bem-estar ou mesmo alegria. Significa que a homeostasia se encontra dentro dos limites da eficiência, e que fundamentam existencialmente a continuidade da sua vida presente, passada e vindoura, que numa perspetiva fenomenológica interpretativa foi possível interpretar que expressa a ocorrência de sincronia entre a existência e essência humana.

Os sentimentos positivos reportam-nos a bem-estar, que do ponto de vista neurofisiológico é fundamental para a vida. Os sentimentos não são apenas neuronais, o corpo está profundamente implicado, num envolvimento que inclui a participação de outros sistemas e homeostaticamente relevantes, como por exemplo os sistemas endócrino e imunitário e os acontecimentos da vida que nos fazem sentir bem promovem estados benéficos (Damásio, 2017, p.196).

O conceito bem-estar comporta um espectro amplo e multidisciplinar, enquanto fenómeno empírico de enfermagem e conforme a taxonomia CIPE® (2011) concebe diferentes aceções nomeadamente o Bem-Estar Espiritual que se refere à imagem mental de estar em contacto com o princípio da vida, que atravessa todo o ser e que integra e transcende a sua natureza biológica e psicossocial; Bem-Estar Físico, a imagem mental de estar em boas condições físicas ou conforto físico, satisfação com controlo de sintomas tais como o controlo da dor ou estar contente com o meio físico envolvente (ICN, 2011, p. 41).

O bem-estar é igualmente área de estudo e de desenvolvimento na psicologia contemporânea, compreendido a partir de duas perspetivas que remetem a visões filosóficas distintas sobre felicidade: uma que aborda o estado subjetivo de felicidade (bem-estar hedónico) e que se denomina bem-estar subjetivo, e outra que investiga o potencial humano (bem-estar eudemónico) e que se trata de bem-estar psicológico (Ryan & Deci, 2001).

O conceito de bem-estar psicológico é multidimensional e entendido como uma avaliação cognitiva que corresponde a um sentido subjetivo de satisfação global e de saúde mental positiva, frequentemente considerado como o melhor indicador observável de construtos não observáveis,

como a autoestima ou força do “eu” (Fonseca, 2006). E bem-estar subjetivo igualmente um conceito complexo que integra uma dimensão cognitiva e uma dimensão afetiva e é também um campo que abrange outros grandes conceitos e domínios de estudo como são a qualidade de vida, o afeto positivo e o afeto negativo (Galinha & Ribeiro, 2005).

O bem-estar subjetivo, constitui-se atualmente um elemento do envelhecimento saudável e um indicador de saúde mental e de adaptação positiva (Guedea et. al, 2006) associado a envelhecimento bem-sucedido e que envolve fatores individuais, sociais e ambientais, dependendo da apreciação individual que cada pessoa tem do seu bem-estar (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999).

Os sentidos e desenvolvimentos acerca de bem-estar são centrais para a enfermagem dado que os fundamentos de teorias de enfermagem como a Humanista de Paterson & Zderad (2008); as Transições Meleis (2010); a Estrutura do Cuidado de Swanson (1991) concebem o cuidado de enfermagem como promotor do bem-estar enquanto potencial humano, e apontam que o cuidado de enfermagem se constitui na facilitação de processos de transição humanos no sentido de se alcançar um maior nível de bem-estar (Meleis e Trangenstein, 1994); as experiências vividas na enfermagem têm em vista o bem-estar com mais Ser (Paterson & Zderad, 2008); a promoção e o atingir do bem-estar dos clientes podem ser considerados em cinco momentos básicos de cuidado: conhecer; possibilitar; manter a fé; estar com e fazer por (Swanson, 1991).

Compreende-se que o bem-estar é uma estrutura do Ser, que influencia a existência, que não será uma unidade empírica que se conhece do exterior a partir da contemplação, mas uma unidade realizada interiormente (Lévinas, 1997, p.92). E na sua existência, o ser (ser humano) abarca várias estruturas básicas denominadas de existenciais, os mais básicos são ser-no-mundo e ser-com (Gorner, 2018), e que emergiram da compreensão do sentido existencial dos relatos dos participantes, pessoas com mais de oitenta anos.

Ser-no-mundo na perspectiva heideggeriana significa o ser humano com mais de 80 anos que procura o sentido do ato de existir através do captável nas obras, nas práticas e nas interações (Carrilho, 2010). A satisfação de se encontrar bem consigo próprio, face ao mundo e aos outros, reflete uma possibilidade de maior conexão do vivido ao seu ser, refletida na capacidade / opção de atribuição e relevância de significado(s) positivos às suas experiências de vida.

Relativamente ao existencial **ser-com** significa que o ser humano com mais de 80 anos, é na sua base de ser-no-mundo determinado pelo ser-com. O mundo é sempre um mundo co-partilhado com os outros. O mundo da presença é mundo co-partilhado. E mesmo isolado, a pessoa com mais de 80 anos co-partilha sempre um mundo – ainda que de forma fragmentada ou mesmo deficiente (Pereira, 2008).

Estas concepções subjetivas estão organizadas em pensamentos e sentimentos sobre a existência individual (Diener & Lucas, 2000), e que efetivamente foram identificados no relato dos participantes como influenciadores da sua existência de seres em um mundo após os oitenta anos.

Na concepção Heideggeriana a existência é o ser em um mundo (Gorner, 2018), a unidade originária da existência humana numa temporalidade existencial a que corresponde o próprio ser e, existencial significa que é fundamentada na existência ou na experiência de viver (Paterson e Zderad, 2008).

No sentido do descrito e também interpretado de diferentes falas dos participantes confluuiu a noção da existência de aspetos na vida das pessoas com mais de oitenta anos que produzem uma ressonância positiva de sintonia da realidade à sua essência/ser, depreendida pela avaliação reflexiva sobre como a sua existência se desenrola quotidianamente (Paterson & Zderad, 2008; Heidegger, 2009).

Este reflexo que não está apenas na presença de um conjunto específico de circunstâncias e nas condições objetivas que se possuem, mas sim no impacto que estas têm sobre a forma como as pessoas se sentem na vida e que contribuem para a sua noção subjetiva de vida humana significativa, transmitidas pela noção de relação ontológica de si com o mundo (ser-no-mundo) e de si com os outros (ser-com), considerado por esse fundamento de *Bem-estar Existencial*.

Relativamente à sua relação de seres-no-mundo e em sentido fenomenológico, ter uma atividade depois dos oitenta anos remete para a dimensão da manutenção, readaptação das capacidades

psicomotoras, mas também para o sentido da continuidade da percepção humana de si próprio. A atividade não tem apenas sentido de entretenimento (passatempo), mas da continuidade do sentido de estar sendo-no-mundo, e por isso entendida a relação entre poder fazer e poder Ser.

Ir “tendo saúde”, tal como apontado pelos participantes pode ser entendido como o significado de uma experiência humana, cujo resultado é um estado de mestria (Meleis, 2010) dado que, apesar de sentirem limitação das suas capacidades quer físicas, quer intelectuais, evidenciam sentir confiança no seu potencial e relataram os comportamentos adotados para lidarem com essas suas circunstâncias de vida após os oitenta anos.

A vivência da dimensão da fé em Deus enquanto fenómeno humano, para os participantes do estudo assume um carácter existencial, pois agrega e dá sentido às experiências físicas e não físicas, colocando em evidência as possibilidades de ser uma dimensão ontológica da sua estrutura existencial, na medida em que na vivência das suas crenças de fé, existe uma relação íntima com o ser-além-de-si, e ser junto das coisas e dos outros, que nunca abandona e que possibilita poder ser si mesmo.

Relativamente ao existencial Ser-com, ou a dimensão da vida co-partilhada com os outros seres humanos, são os afetos estabelecidos / proporcionados e mantidos nas relações afetivas de pertença e de reciprocidade que os participantes mantêm depois dos oitenta anos, que dá um sentido ontológico à existência co-partilhada com a família sobretudo os filhos e os cônjuges, pois essas relações de pertença na fase de vida depois dos oitenta anos, são indispensáveis e contributivas para que expressem a sua existência (presente, passada) e perspetivar a futura como significativa.

No mundo co-partilhado sentir-se subjetivamente valorizado pelos outros decorre de terem na atualidade ou terem tido no passado, uma atividade valorizada e contributiva para os outros e/ou para o bem comum; igualmente a avaliação positiva relacionada ao reconhecimento dos outros da manutenção das suas competências cognitivas para lidarem com os outros, confere-lhes uma percepção de completude da sua pessoa para se sentirem com capacidade e competência para se relacionarem e serem aceites.

O apego ao lar liga-se com o sentido existencial de pertencer a um espaço não pelo sentido de posse, mas pelo sentido de Ser, do qual não se distinguem, tem algo a ver com o sentido fundamental da existência humana, uma dimensão que surge sobretudo por referência às sensações, emoções auferidas nesse espaço, seja no presente ou no passado.

A experiência subjetiva de lidar com as alterações do corpo, como o declínio das capacidades, que implique dependência de outros para se autocuidarem, incorpora a modificação da sua corporeidade, e a sua relação existencial com os outros e com os espaços, mas o corpo vivido depois dos 80 anos continua a compreender um existencial, ainda que objetivamente e subjetivamente modificado para a pessoa, mantém integra e inteira a noção de um Ser.

4 CONCLUSÃO

O estudo da existência das pessoas com mais de oitenta anos, sob uma perspetiva fenomenológica, reforça o valor da sua vida e da sua existência humana pelo sentido de Ser, pois o ser e o seu valor não se modificam em função da idade biológica antes se expandem e persistem enquanto a pessoa existe / vive. Assim a enfermagem humanista compreende as pessoas com mais de oitenta anos enquanto seres no mundo por relação à sua existência e não apenas por relação à sua idade cronológica.

A identificação da dimensão bem-estar existencial transposta para o cuidado de enfermagem implica uma atitude terapêutica fenomenológica, significando que o profissional se foca no sentido ontológico do cuidado para a pessoa, que enquanto ser-no-mundo e ser-com os outros seres humanos, o seu bem-estar não pode ser apreendido pela presença de um conjunto de circunstâncias e nas condições objetivas que se observem, mas sim no impacto que as experiências / vivências têm sobre a forma como a pessoa se sente na vida, e na manutenção da noção subjetiva de ter uma vida humana significativa.

6 REFERÊNCIAS

- Araújo P. A. (2006). Nada, Angústia e Morte em Ser e Tempo, de Martin Heidegger *Revista do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora* www.eticaefilosofia.ufjf.br. Disponível em: http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/files/2009/11/10_2_araujo.pdf
- Bowen, G. A. (2008). Naturalistic inquiry and the saturation concept: a research note. *Qualitative Research*, 8(1), 137–152. doi: <https://doi.org/10.1177/1468794107085301>
- Cabral, M. V., Ferreira, P. M., Silva, P. A. da, Jerónimo, P. G. & Marques, T. (2013). Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em: <https://www.ffms.pt/FileDownload/b45aa8e7-d89b-4625-ba916a6f73f4ecb3/processos-de-envelhecimento-em-portugal>
- Cerezer, C. (2010). Mundaneidade, utensílio e existência: uma análise do capítulo III de Ser e Tempo de Heidegger. *Revista Frontistes*. Santa Maria, RS. Disponível em: www.fapas.edu.br/frontistes/artigos/Artigo21.doc
- Cerezer, C.; Flores, A. P. M., Zanardi, I., (2012) Introdução aos estudos Heideggerianos a partir de Ser e Tempo: uma renovação contemporânea da íntima questão do Ser. *Thaumazein*, Ano V, nº 9, Santa Maria (junho de 2012), pp. 67-79. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/thaumazein/article/viewFile/ee/87/pdf>
- Cohen, M. Z., Kahn, D. L., & Steeves, R. H. (2000). *Hermeneutic phenomenological research: A practical guide for nurse researchers*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Cohen, M. Z. (2000). Introduction. In: *Hermeneutic phenomenological research: A practical guide for nurse researchers*. Thousand Oaks: Sage Publications, pp. (1-10).
- Conselho Internacional de Enfermeiras. (2011). *CIPE Versão 2. Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem*. Lisboa, Ordem dos Enfermeiros.
- Damáσιο, A. (2017). *A estranha ordem das coisas: a vida, os sentimentos e as culturas humanas*. trad. Luís Oliveira Santos. (5ª ed.) Lisboa.
- Dewes, J. O. (2013). *Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos*. (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.) [acedido em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf?sequence=1&isAllowed=y)
- Diener, E., Suh E., M., Lucas, R. E. & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, p. 276-302.
- Diener, E. & Lucas, R. F. (2000). Subjective emotional well being. In: M. Lewis & J. M. Haviland (Orgs.), *Handbook of Emotions* (pp. 325-337). New York: Guilford.
- Direção Geral da Saúde (2014). Portugal Idade Maior em números 2014: A saúde da população portuguesa com 65 ou mais anos de idade. Disponível em: <https://www.dgs.pt/estatisticas-de-saude/estatisticas-de-saude/publicacoes/portugal-idade-maior-em-numeros-2014.aspx>
- Eurostat e disponíveis na Pordata (2017). [Acedido 2 de março de 2018. Disponível em: https://www.pordata.pt/Europa/Anos+de+vida+saudável+aos+65+anos+por+sexo-1590](https://www.pordata.pt/Europa/Anos+de+vida+saudável+aos+65+anos+por+sexo-1590)
- Faugier, J. & Sargeant, M. (1997). Sampling hard to reach populations. *Journal of Advanced Nursing*. v.26, pp. 790-797
- Fonseca, A. M. (2006). *O Envelhecimento: Uma abordagem Psicológica*. (2ed.) Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Galinha, I. & Ribeiro, J. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doença*, 6(2), pp.203-214.
- Geertz, C. (1973). *The interpretation of culture*. New York: Basic Books.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage. Disponível em: <https://eclass.uoa.gr/modules/document/file.php/PPP356/Guba%20%26%20Lincoln%201994.pdf>

- Guedea, M. et al. (2006). Relação do bem-estar subjetivo: Estratégias de enfrentamento e apoio social em idosos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (2), 301-308. Hess, M., & Dikken, J. (2010). The association between ageism. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000200017>
- Gorner, P. (2018) *Ser e tempo: uma chave de leitura*. Tradução: Marco Antônio Casanova, Petrópolis, RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (2009). *Ser e Tempo*. Tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. (4 ed.)
- Holstein, J. A., & Gubrium, J. F. (1995). *The active interview*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- International Council of Nurses (2011). CIPE, *Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem*, Versão2. Lisboa: Ordem dos Enfermeiros.
- INE (2018). European Core Health Indicators (ECHI). Disponível em: https://ec.europa.eu/health/indicators/indicators_en. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0008460 &contexto=bd&selTab=tab2
- Khan, J. (2000). Cohen, M. Z. How to Conduct Research In: *Hermeneutic phenomenological research: A practical guide for nurse researchers*. Thousand Oaks: Sage Publications, pp. 57-69.
- Lévinas, E. (1997). *Descobrendo a Existência com Hurssel e Heidegger*. Instituto Piaget, Lisboa.
- Lima, T. A. S., & Menezes, T. M. O. (2011). Investigando a produção do conhecimento sobre a pessoa idosa longeva. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64(4), 751-758. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672011000400019>
- Manen, M. van. (1997). From Meaning to Method. *Qualitative Health Research*, 7(3), 345–369. doi: <https://doi.org/10.1177/104973239700700303>
- Marques, A. (2017). Solitude e sofrimento em pessoas maiores de 80 anos. (Tese doutoramento. Universidade Católica Portuguesa). Acedido em <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/27702>
- Meleis, A. & Trangenstein, P. (1994). Facilitating Transitions redefinition of the nursing mission. *Nursing Outlook*. Nov./Dec. pp. 255-259.
- Meleis, A. (2010). *Transitions Theory: Middle Range and Situation Specific Theories in Nursing Research and Practice*. Nova Iorque: Springer Publishing Company. ISBN: 978-0-8261- 0535-6
- Menezes, T. M. O & Lopes, R. L. M. (2009). Produção do Conhecimento sobre idoso longevo 1998-2008. *Revista de Enfermagem*. UREJ. Vol.17, nº4 (Out/dez.), p.569-574. ISSN 0104-3552.
- Morse J.M. (1991). Concepts of caring and caring as a concept. *Adv Nurs Sci*, 13(1): 1-14.
- Munhall, P. L. (2012). Interpretative phenomenology. In: *Routledge International Handbook of Qualitative Nursing Research*. Ed. Cheryl Tatano Beck, pp. 145-161.
- Nilsson, M., Sarvimäki, A., & Ekman, S.-L. (2003). The Meaning of the Future for the Oldest Old. *The International Journal of Aging and Human Development*, 56 (4), 345–364. doi: <https://doi.org/10.2190/3GEQ-99Y0-137X-L7GU>
- Ordem dos Enfermeiros. (2001). *Padrões de Qualidade dos Cuidados de Enfermagem*. Lisboa: Autor.
- Organização Mundial da Saúde (2015). Relatório Mundial de envelhecimento e saúde. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf;jsessionid=6F84297FEE89C4E2586A6296AE0D8CB?sequence=6
- Paans, W., Sermeus, W., Nieweg, R., & Wan der Schans, C. (2010). Prevalence of accurate nursing documentation in patient records. *Journal of advanced nursing*, 66(11), 2481-2489. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2010.05433.x>
- Pasqua, H. (1997). *Introdução à Leitura do Ser e Tempo de Martin Heidegger*. Instituto Piaget, Lisboa.
- Paterson, J. & L. Zderad (2008). *Humanistic Nursing*. Copyrighted Project Gutenberg eBook. Acedido 3 abril 2016 disponível em: <http://archive.org/stream/humanisticnursin25020gut/25020-8.txt>
- Pereira, N. G. (2008). O ser da política e a política do ser: o confronto entre Hannah Arendt e Martin Heidegger em *Ser e Tempo*. (Tese doutoramento. Universidade São Paulo). Acedido em:

http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posgraduacao/defesas/2008_docs/2008_Newton.Pereira_doc.pdf

- Pordata (2019). Disponível em: <https://www.pordata.pt/ebooks/PT2018v20180713/mobile/index.html>
- Smith, J. A. (2011). Evaluating the contribution of interpretative phenomenological analysis. *Health Psychology Review*, 5(1), 9-27. doi: <https://doi.org/10.1080/17437199.2010.510659>
- Steeves, R. H. (2000). Sampling In: *Hermeneutic phenomenological research: A practical guide for nurse researchers*. Thousand Oaks: Sage Publications, (pp. 45-55).
- Swanson, K. M. (1991). Empirical Development Of a Middle Range Theory of Caring. *Nursing Research* may/june 1991 vol. 40, n.3. (pp.161-166).
- Ryan, R. M. & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166. doi: <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.psych.52.1.141>
- Rosa, M. et al. (2010) Referenciais de enfermagem e produção do conhecimento científico. *Rev. Enferm. UERJ*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, (p. 120-125), jan./mar.
- Rodriguez, A. & Smith, J. (2018). Phenomenology as a healthcare research method. *Evid Based Nurs* October, vol. 21 nº4. Acedido em 14 agosto 2019 em: <https://eb.bmj.com/content/ebnurs/22/1/7.full.pdf>
- Taborda, A. & Vieira, M. (2011). Grandes velhos – novos problemas. Poster apresentado em congresso realizado em Braga.
- Thorne, S. E. (1991). Methodological orthodoxy in qualitative nursing research: Analysis of the issues. *Qualitative Health Research*, nº 1, (pp.178-199).
- Van Manen, M. (2003). *Investigación Educativa Y Experiencia Vivida* (trad. Oh Miro).
- Warren, C. & Sanderson, S. S. (2013). The Characteristics Approach to the Measurement of Population Aging. *Population and Development Review*,; 39 (4): 673 doi: [10.1111/j.1728-4457.2013.00633.x](https://doi.org/10.1111/j.1728-4457.2013.00633.x)
- Werle, M. (2003). A Angústia, o Nada e a Morte em Heidegger. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 26(1): pp.97-113. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732003000100004>.
- WHO (2002). Active Ageing A Policy Framework. World Health Organization to the Second United Nations World Assembly on Ageing, Madrid, Spain, April Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/67215/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf
- WHO (2012). Good health adds life to years: Global brief for World Health Day. Geneva. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/70853/WHO_DCO_WHD_2012.2_eng.pdf?sequence=1